



O Trabalho na Sociedade Contemporânea: inserção e ascensão da mulher no mercado de trabalho de engenharia

Resumo: Este estudo aborda o trabalho na sociedade contemporânea, dando ênfase à participação da mulher no mercado de trabalho, em especial na engenharia. Essa pesquisa foi realizada devido à crescente participação feminina nas esferas produtivas, sobretudo em áreas de predominância masculina. Para melhor compreensão e análise dos dados coletados, delineou-se um referencial teórico dividido em três partes: conceitos e abordagens que tratam do trabalho, da inserção e ascensão da mulher no mercado de trabalho e, por fim, da participação feminina na engenharia. A fim de descrever a percepção de engenheiras acerca da inserção, permanência e ascensão da mulher neste mercado de trabalho, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, valendo-se de levantamento documental e entrevistas com roteiro estruturado para coleta de dados. Foram entrevistadas 12 engenheiras, sendo que nove atuam diretamente na área da engenharia e três são professoras no ensino superior. Os dados coletados foram organizados em tabelas resumitivas de maneira a facilitar a leitura e foram apresentados também trechos das entrevistas com vistas a ilustrar a análise. Ressalte-se que a importância dessa pesquisa foi reconhecer a participação da mulher no mercado de trabalho, principalmente naquelas áreas que ainda se constituem em "guetos" masculinos, como é o caso da engenharia no Brasil, pois qualquer pessoa pode ser competente para o exercício de qualquer profissão, independentemente do sexo e das relações historicamente construídas, porém atualmente questionadas. Dessa forma, não se trata de "levantar bandeiras" ou "defender causas", mas apontar a característica arenosa desse terreno profissional em processo de mudança.

Palavras-Chave: Trabalho, Mulher, Gênero, Engenharia

1. Introdução

Este estudo resultante do Projeto Interdisciplinar desenvolvido no 1º período do Curso de Administração da Faculdade Novos Horizontes tem como tema central "o trabalho na sociedade contemporânea" e como subtema a inserção e ascensão feminina no mercado de trabalho, já que as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço na esfera produtiva.

Parte-se do pressuposto de que, com a alteração no padrão cultural da sociedade moderna, surgem perguntas nas quais se buscam respostas a respeito da submissão e da dominação sobre as mulheres, inclusive no espaço de trabalho. Trabalho se refere a toda atividade que requer esforço humano. A palavra trabalho surgiu do latim *tripalium*, ligada à tortura (ALBORNOZ, 1994). O trabalho também se refere a uma ação humana sobre a natureza, através da transformação e do melhoramento de seus bens, na qual o ser humano é provido de algum propósito em seu benefício próprio (FILHO, 1994).

Com o passar dos tempos, as mulheres sentiram o desejo de desenvolver uma atividade profissional e conquistar independência financeira. A participação economicamente ativa das mulheres na sociedade trouxe mudanças na estrutura familiar, aumentando a responsabilidade das mulheres que se dividem entre o trabalho profissional e os afazeres domésticos, muitas vezes, tendo que escolher entre a ascensão profissional ou cuidar da família (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2003.). Aos poucos, as mulheres foram ganhando espaços em atividades antes não exercidas e consideradas exclusivamente masculinas, assim como a engenharia (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2002.).

Nos dados divulgados no ano de 2007 pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Minas Gerais (CREA-MG), houve um aumento 30% no número de mulheres nas faculdades de engenharia no Brasil entre 1990 e 2002. Para a diretora de Relações Institucionais do CREA Minas, Marília Machado Rangel, isso representa uma mudança cultural positiva no campo do trabalho (CREA-MG, 2007). Neste contexto, busca-se compreender como tem sido a vida das mulheres nesse mercado considerado masculino.

Apesar de terem seus direitos garantidos pela Constituição, existem mulheres que possuem o mesmo perfil de inserção ocupacional que os homens, mas são contratadas com salários inferiores e correm o risco maior de desemprego (IBGE, 2003).

Tais dados são muito importantes para a sociedade, uma vez que está provado estatisticamente que as mulheres, cada vez mais, e em grande quantidade, têm entrado para o mercado de trabalho, sendo 41,39% da população economicamente ativa (IBGE, 2000).

Desta maneira, o objetivo geral desta pesquisa foi descrever e analisar como as engenheiras percebem a sua inserção, permanência e ascensão no mercado de trabalho. Para tanto, foi necessário descrever e analisar:

1. como as mulheres engenheiras percebem o trabalho na sociedade contemporânea;
2. como as mulheres engenheiras percebem o trabalho na área de engenharia, especificamente;
3. os motivos que levaram as mulheres entrevistadas a optarem pela engenharia; e
4. como as engenheiras percebem a inserção do trabalho feminino no mercado de trabalho da engenharia.

Assim, justifica-se esta pesquisa devido ao aumento da participação feminina no mercado de trabalho da engenharia e às dificuldades enfrentadas nesse mercado por algumas delas. Assim, é necessário discutir o trabalho realizado por mulheres e perceber as dificuldades encontradas para a sua inserção nesta parte do mercado de trabalho.

2. Referências Conceituais

Para melhor compreensão e análise dos dados coletados, este referencial teórico foi dividido em três partes: conceitos e abordagens que tratam do trabalho, da inserção e ascensão da mulher no mercado de trabalho e da participação feminina na engenharia.

2.1. Trabalho

De acordo com Albornoz (1994), a palavra trabalho possui várias definições, dentre elas, a de realizar uma obra na qual lhe traga reconhecimento social e após a vida lhe dá permanência; e a esforços repetitivos e rotineiros, sem liberdade, um resultado que pode ser consumido, mas que causa um desagradável incomodo.

Marx, citado por Masi (2003, p.50), declara: “O trabalho é uma atividade vital, isto é, ele é a essência do homem”, e completa que “O animal constrói apenas segundo necessidade da espécie a qual pertence, enquanto o homem constrói também segundo as leis da natureza”.

Segundo Albornoz (1994), na história primitiva da humanidade o trabalho é executado por nossos antepassados de forma extrativa na qual buscavam a sua subsistência, apenas completando, assim o trabalho da natureza. A agricultura é descoberta com o tempo e acredita-se que com o seu surgimento a população primitiva teve sua primeira divisão de trabalho, onde os homens caçam e mulheres plantam, mas muitos estudiosos comprovam através de suas pesquisas antropológicas que tal fato não ocorria em todas as culturas. Na Renascença, o trabalho prático deixa de ser servil para se tornar uma condição para a liberdade. Antes da Revolução Industrial, Masi (2003) apresenta que as pessoas que trabalham menos, podem dedicar mais tempo ao convívio social, lazer e família. Com a Revolução Industrial, com a invenção da máquina a vapor, do motor movido à eletricidade e o computador, Albornoz (1994) expõem, uma mudança notável no trabalho e nos trabalhadores. A produção industrial mecanizada e em série, desumaniza o trabalho do indivíduo.

Albornoz (1994) afirma que, por volta do século XIX, o trabalho passa a ser realizado em oficinas e dividido em etapas, feito com alienação na qual o trabalhador não tem controle sobre o produto que está fazendo, se especializando em uma só etapa da fabricação. Ocorre um grande aumento demográfico da população nas regiões industriais, em busca de trabalho.

Hegel (filósofo idealista alemão do séc. XVIII ao XIX) apud Albornoz (1994), e Masi (2003), concordam que um indivíduo apenas se considera um ser, quando pelo seu trabalho é reconhecido e Masi (2003), acrescenta que somente quem trabalha consegue se socializar, amadurecer e realizar-se.

O trabalho, segundo Masi (2003), é o vício recente: a exclusão do exercício de algumas atividades tem desesperado milhares de pessoas, mesmo essas não gostando das atividades executadas, elas se sentem na obrigação de garantir trabalho, pois é através deste, que se conquista o direito de viver de modo descente

e independente. Giddens (2005), em conformidade com aquele autor, acrescenta que com a insegurança a estabilidade de seus cargos, os trabalhadores estão dedicando mais energia e tempo ao trabalho e muitas vezes percebem a necessidade de dupla renda na família, dedicando menos tempo para a vida em família e atividade de lazer. Esta “sobrecarga de trabalho”, segundo críticos, desequilibra a relação da vida pessoal com a profissional.

Na opinião de Albornoz (1994), existem diferenças entre trabalho e emprego, o primeiro é o serviço a ser prestado, já o segundo é considerado uma profissão assalariada com cargos fixos. Conclui-se com isso, que donas de casa, camelôs, biscateiros ou até mesmo artesões ou técnicos trabalham, mas nem sempre com emprego.

Giddens (2005) abre espaço para abordar o trabalho feito em domicílio, o “teletrabalho”, o autor declara que cada vez mais vem sendo aceito, mas não é predominante a preferência deste, pelos empregos, porque não é fácil monitorar este trabalho e, conseqüentemente, se aplica novos tipos de controle, para que com contatos freqüentes mostre a evolução diante dos outros trabalhadores.

O trabalho doméstico, para Giddens (2005), é muito significativo para a economia, estima-se que represente 25% a 40% da riqueza produzida pelos países industrializados. O labor da casa, segundo Albornoz (1994), em geral realizado por mulheres, possui dentre as várias tarefas uma de grande importância, o cuidado de crianças e jovens, porque estão educando-os para serem a geração futura de trabalhadores, isso faz com que seja um trabalho vivo que deve ser reconhecido como econômico e socialmente produtivo.

Por outro lado, Masi (2003) acreditava ser necessária a implantação da ecologia do trabalho, uma possibilidade de cultivar o bem estar de uma vida organizada. Castoriadis, citado por Albornoz (1994), completa que o mundo do trabalho tem que ser transformado pela gestão operária, na qual a direção seja dirigida pela coletividade dos trabalhadores. Essa transformação “marcará o fim da dominação do trabalho sobre o homem, e o começo da dominação do homem sobre o trabalho”. (ALBORNOS, 1994, p.100). Ressalte-se ainda, que:

Há quem julgue o trabalho como um dever. É o que parece na concepção puritana na vida. É o que acaba sendo acentuado em algumas versões da sociedade industrial. E se nos deixarmos empolgar pela visão positiva do trabalho, mesmo na sua concepção humanista, renascentista, o trabalho não só é um dever, mas um direito, pois através dele o homem é homem, se faz, aparece; enquanto cria, entra em relação com os outros, com o seu tempo, cria o seu mundo, se tornar reconhecido e deixa impressa no planeta em que vive a marca de sua passagem (ALBORNOS, 1994, p.94).

2.2. Inserção e ascensão da mulher no mercado de trabalho

Durante toda trajetória da história, homens e mulheres trabalhavam para a produção de um mundo social, mas com o passar do tempo essa parceria e distribuição de responsabilidades se modificaram assumindo diferentes formas. Estas diferenças ocorreram devido ao fato de acreditar-se que para cada gênero há uma atividade

mais ou menos adequada, diferenciando os tipos de empregos entre homens e mulheres (GIDDENS, 2005).

Giddens (2005) sublinha que com o progresso da industrialização, os homens através do emprego fora de casa, na qual o domínio público era maior, envolve-se mais em assuntos locais, na política e no mercado. Às mulheres são atribuídos valores “domésticos”, responsáveis por cuidar dos filhos, manter a casa em ordem e cozinhar para a família. Durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), a divisão de trabalho entre gêneros sofre uma radical mudança, com um aumento de 16% no contingente feminino, nos anos subseqüentes a 1945 (GIDDENS, 2005).

Bruschini (2006) afirma que nos últimos dez anos do século passado e os primeiros anos do século XXI, marcam uma nova realidade da mulher no mercado de trabalho.

De acordo com Giddens (2005), as mulheres ainda passam por dificuldades no mercado de trabalho, apesar da igualdade de formas entre gêneros. Muitos dos empregos que possuem são extremamente marcados por gêneros - ou seja, são vistos como “trabalho de mulher”, como cargo de secretária, enfermeira, o cuidar de crianças, dentre outros.

A mulher tem que demonstrar maior competência para ingressar na carreira, daí ela ser exigida de ter maior qualificação que os homens. Essa necessidade feminina de demonstrar maior competência que os homens pode ser sentida também quando é apontada a maior autonomia das gerentes em relação aos homens e a dificuldade feminina de legitimar a sua autoridade perante os funcionários (MELO et al, 2006, p.14).

Segundo Bruschini (2006), uma das conseqüências do aumento do número de mulheres no mercado de trabalho remunerado foi a mudança de alguns padrões familiares tradicionais. Estudos acerca destas mudanças apontam que as mulheres que trabalham fora executam menos tarefas domésticas comparado às mulheres que trabalham apenas nos serviços domésticos em suas próprias casas. Mas, por outro lado, as mulheres que trabalham fora enfrentam uma dupla jornada, pois continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e com os cuidados com a família.

Giddens (2005), com idéias semelhantes, afirma que:

Um dos resultados do aumento no número de mulheres que começaram a exercer uma atividade remunerada é a renegociação de certos padrões familiares tradicionais. O modelo do “homem provedor” tornou-se a exceção, em vez de regra, e a crescente independência econômica das mulheres significa que elas estão em melhor situação para escaparem, em casa, dos papéis determinados pelo gênero se assim o quiserem (GIDDENS, 2005, p.325).

Para Giddens (2005), atualmente as mulheres vêm deslocando-se para cargos profissionais de melhor remuneração, comparado à antigamente. Mulheres jovens têm a mesma chance que os homens, quando estas possuem uma boa qualificação, para conquistar um emprego lucrativo. Porém, do outro lado, há um crescimento enorme de mulheres com empregos mal remunerados de meio turno. Há um círculo

vicioso onde uma mulher que adquire um sentimento financeiro razoável pode ser prejudicada financeiramente ao pagar uma creche para os filhos, mas se partirem para um emprego de meio turno será mal remunerado.

Segundo relatório Meeting the Childcare Challenge (DFEE, 1998 apud GIDDENS, 2005), entre cada cinco mães que não trabalhavam, quatro trabalhariam se tivessem um local satisfatório para deixar os seus filhos e uma em cada sete declara que não trabalham para cuidar de seus filhos. As mulheres com baixas qualificações descobrem que o trabalho fora de casa não é suficiente para cobrir os custos desses serviços (GIDDENS, 2005).

Segundo dados do IBGE (2005, apud BRUSCHINI, 2007), no período de 1993 a 2005 no Brasil, o percentual de mulheres economicamente ativas aumentou de 47% para 53% e que 40 entre 100 trabalhadores eram do sexo feminino nesta mesma data.

2.3. A participação da mulher na engenharia

As transformações culturais que ocorreram no final dos anos 60 e nos 70, fizeram com que as mulheres fossem para as universidades em busca de uma qualificação profissional. As mulheres vêm ampliando sua presença em áreas consideradas “guetos” do gênero masculino, como a engenharia (BRUSCHINI, LOMBARDI, 1999; 2000).

No Brasil, Bruschini (2007, p.9) afirma que:

A expansão da escolaridade, a qual as mulheres brasileiras vêm tendo maior acesso, é dos fatores de maior impacto sobre o ingresso da mulher no mercado de trabalho.

De acordo com Bruschini (2007), a escolha das carreiras universitárias, nas quais a presença da mulher vem se fazendo de forma mais abrangente, indicou elevados números de presença feminina em algumas delas, como a medicina, a arquitetura e até mesmo a engenharia, profissão tradicionalmente masculina. “Esta poderia ser considerada uma das fases do progresso alcançado pelas mulheres, no que tange à sua participação no mercado de trabalho” (BRUSCHINI, 2007, p.13).

Neste sentido, Carvalho (2001) afirma que, mesmo com as conquistas das mulheres no mercado de trabalho e a luta pela igualdade de direitos, a área de engenharia ainda constitui um dos últimos redutos em que a presença das mulheres representa uma minoria significativa. As mulheres encontram grandes dificuldades para a sua atuação e afirmação enquanto engenheiras.

Para homens e mulheres, a engenharia civil é a especialidade que ofereceu um maior número de empregos no ano 2000, entre 28,5% e 34,3% no Brasil. Nesse mesmo ano, a engenharia química destacou-se com 5,9% nos empregos femininos e 2,7% nos empregos masculinos. Observa-se uma maior participação das mulheres em áreas consideradas masculinas (LOMBARDI, 2004).

Lombardi (2004) salienta que o número de mulheres na engenharia se manteve em torno de pouco mais de 10% nos anos 90 e 13,5% no ano 2000; já Bruschini (2007) sublinha que no ano de 2004 atingiu 14%.

De acordo com Lombardi (2004), houve um crescimento de mulheres considerável na área de engenharia civil, sendo que em 1990 o número de empregos foi de 26%, 36% em 1995 e 34% em 2000. Da eletricidade e eletrônica de 7,5% passou para 11,7% e da organização e métodos de 2% para 12,9%; representando uma maior abertura das mulheres no mercado de trabalho da engenharia. A participação feminina não ultrapassou 5% em 2000 nas áreas de mecânica e metalurgia, porém teve um constante crescimento de mulheres nos empregos para engenheiros civis, agrônomos, de produção, eletricitas e eletrônicos no período. Ainda segundo a autora, no ano 2000, houve alguns setores mais permeáveis à presença das engenheiras, como a administração pública, defesa e seguridade social (25,8%); atividades imobiliárias, administração de alugueis, consultoria e serviços prestados as empresas (18,8%), a indústria de transformação (17%), e construção civil (13,2%), confirmando que as engenheiras se inserem com mais facilidade na prestação de serviços, administração pública, espaços onde a mão de obra feminina é maior ou onde a presença das mulheres já existe há algum tempo (LOMBARDI, 2004). Merece ainda menção outros dados apresentados por Bruschini (2007): 17,4% das engenheiras atuam na prestação de serviços enquanto apenas 10,5% de homens estão nesse setor (BRUSCHINI, 2007).

Com relação à faixa de idade, constata-se que as engenheiras são mais jovens do que seus colegas de trabalho, pois ingressaram na profissão mais recente do que os homens. Verifica-se que 63% das engenheiras têm menos de 39 anos (BRUSCHINI, 2007).

Observa-se também uma diferença salarial relacionada à questão de gênero, pois 27% das engenheiras e 47% dos engenheiros ganhavam mais de 20 salários mínimos em 2000 e 21% dos engenheiros, mais um terço das engenheiras ganhavam até 10 salários mínimos. Percebe-se que as engenheiras recebem salários inferiores aos dos homens (LOMBARDI, 2004).

Uma das dificuldades encontradas pelas engenheiras é assumir cargos de chefia, pois a mulher ainda é exceção na engenharia. As possibilidades das engenheiras chegarem a postos de comando são inferiores a dos homens, pois dependem de um chefe “homem”, que confie nelas e lhes dêem uma chance. As mulheres também apresentam dificuldades para assumirem esses cargos por falta de disponibilidade de tempo e dedicação exigida por essas funções, pelo fato de terem que cuidar da família e filhos. As engenheiras também têm que provar competência profissional para se imporem perante os homens, muitas vezes existindo conflitos com engenheiros subordinados, caracterizando uma diferença de gênero (LOMBARDI, 2006).

3. Metodologia

De acordo com Morgan (1983, p.21) apud Vergara (2006, p.9 -10), “metodologias são esquemas de resolução de problemas que diminuem a distância entre a imagem

sobre o fenômeno”.

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa descritiva, cujo objetivo, segundo Vergara (2006), foi descrever e analisar a percepção das mulheres engenheiras em termos de sua inserção, permanência e ascensão da feminina no mercado de trabalho. Para isso foram utilizados recursos bibliográficos, recorrendo a livros, revistas, artigos e redes eletrônicas, e também recursos de campo, por meio dos quais buscou-se conhecer percepções das mulheres quanto ao seu trabalho e ao ambiente em que estão inseridas.

A pesquisa é de cunho essencialmente qualitativo, pois contempla “a subjetividade, a descoberta, a valorização da visão de mundo dos sujeitos.” (VERGARA 2006, p.256).

Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa documental e por entrevistas com roteiro estruturado, realizadas com mulheres que atuam na área da engenharia e professoras que lecionam em cursos afins. As técnicas de análises de dados utilizadas foram à análise documental (VERGARA, 2006) e a de conteúdo, sendo esta última imprescindível para a quantificação dos dados obtidos nas entrevistas conforme Melo et al (2007). A partir dessa quantificação dos dados qualitativos, foram organizadas tabelas resumitivas, utilizando-se a planilha do Excel.

4. Apresentação e Análise dos Dados

4.1. Dados Demográficos

Em termos de **dados demográficos** foram abordados oito aspectos das doze engenheiras entrevistadas, sendo três delas (PE1, PE2, PE3) professoras em cursos de engenharia no ensino superior e as outras nove atuam diretamente na profissão (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8 e E9). O primeiro foi o **sexo** cujo resultado com unanimidade foi feminino devido ao tema da pesquisa, que é a inserção e ascensão da mulher no mercado de trabalho, sendo dessas entrevistadas que três (3) estão na **faixa etária** de até 25 anos, três (3) de 26 a 30 anos, uma (1) de 31 a 35 anos, uma (1) de 36 a 40 anos, duas (2) de 41 a 45 anos, uma (1) de 45 a 50 anos e uma (1) com mais de 50 anos.

Em se tratando do **estado civil** das entrevistadas, cinco (5) se encontram solteiras, quatro (4) casadas e três (3) divorciadas. Quanto à **escolaridade**, cinco (5) possuem o ensino superior completo, uma (1) possui mestrado, três (3) doutorado e três (3) possuem especializações.

As **áreas** em que elas atuam atualmente são as mais diferenciadas: sete (7) na engenharia civil, sendo uma (1) como professora do ensino superior, uma (1) como professora e coordenadora, três (3) como gestora econômica de qualidade e produção, e duas (2) como analista técnica; uma (1) atua no ensino superior na diretoria do campus de uma faculdade, uma (1) na engenharia de produção como analista de PCP, planejamento; três (3) na engenharia de projetos, mas com cargos diferentes, uma (1) como engenheira coordenadora de gestão de qualidade, uma (1) como engenheira e a outra como engenheira de tubulação júnior.

Dentre as entrevistadas, o **tempo de empresa** coincidiu com o **tempo do cargo atual**, exceto duas (2), cujo tempo que atua no cargo é de 6 a 10 anos, já na empresa é de 1 a 5 anos; já as outras nas quais coincidiram o tempo de empresa e cargo foram: quatro (4) menos de um ano, duas (2) de 1 a 5 anos, três (3) de 6 a 10 anos e uma (1) com mais de 20 anos. Levando-se em conta o **nível do cargo**, cinco (5) encontram-se no nível operacional, três (3) em nível estratégico, três (3) delas consideram-se em dois níveis, o operacional e o estratégico e uma (1) afirmou que não se encaixa em nenhum dos níveis, operacional, tático ou estratégico.

4.2. Resultados das Entrevistas com as Engenheiras

A Tabela 1 apresenta a percepção das entrevistadas em relação ao trabalho na atual sociedade. Observa-se dentro do que se entende a respeito de trabalho, destacam-se a remuneração, a realização pessoal, emancipação das mulheres, uma maneira de se obter sustento e reconhecimento, também é importante mencionar a contribuição para o desenvolvimento e crescimento da sociedade, confirmando o que menciona a literatura, ou seja, somente o trabalho pode socializar, amadurecer e realizar o ser humano.

Tabela 1 – Percepção das entrevistadas quanto ao trabalho de maneira geral na sociedade

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Remuneração	E3, E4, PE1, E1, E2, PE3, E6, E7, E8	9
Realização pessoal	E1, E2, E7	3
Emancipação	E1, PE1, PE3	3
Maneira de ter sustento	E7, E8, E9	3
Reconhecimento	PE1, PE3, E1	3
Independência própria	E1, PE1	2
Produção de alguma coisa	E3, PE1	2
Satisfação	E7, E9	2
Introdução do meio social	PE3, E9	2
Conquista de bens materiais	E2	1
Objetivo científico e operacional	E3	1
Atividade física e intelectual	E4	1
Maneira satisfatória de obter crescimento profissional	E5	1
Forma de ocupação	E6	1
Contato com outras pessoas	E7	1
Meio de sobrevivência imposto	E8	1
Problema a ser solucionado	E8	1
Contribuição para o desenvolvimento e crescimento da sociedade	PE2	1
Dignidade	PE3	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Destacam-se dentre as falas das entrevistadas (PE2) e (E2) os seguintes comentários:

O trabalho independente do cargo ou função é a contribuição do ser humano para o crescimento e desenvolvimento da sociedade como um todo. (PE2)

... Li uma vez que a sociedade, na época de nossos avós, adquiria bens para deixar para os filhos. Hoje em dia se dá educação e alimentação, os filhos que têm que buscar o seu patrimônio. Cada um tem o seu, nós trabalhamos hoje para nós mesmos. (E2)

Quando perguntadas como se dá o trabalho da engenheira, obteve-se como resposta: O acompanhamento da execução de projetos, a coordenação de equipe e criar, inovar, coordenar projetos e lidar com diversos tipos de pessoas, tanto com quem e para quem se trabalha, como com os clientes. Observe a Tabela 2:

Tabela 2 – Percepção das entrevistadas quanto ao trabalho da engenheira

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Acompanhamento da execução de projetos	E1, E2, E3, PE2, E6, E7	6
Coordenação de equipe	E2, E4, PE2, E7, E9	5
Criação de projeto	E1, E3, E6, E7	4
Um papel estratégico	PE2, E7	2
Envolvimento com obras	PE1, E6	2
Atividade intelectual	E4, PE3	2
Perícia	E3, E9	2
Mesmo do engenheiro	E1, E2	2
Árduo pelo preconceito	E8, E5	2
Administração de atividades relacionadas com a engenharia	PE1	1
Implantar e manter normas, de gestão de qualidade, segurança, saúde ocupacional e meio ambiente	E9	1
Inovação científica	PE2	1
Avaliar a satisfação do trabalhador	E7	1
Planejar	E7	1
Visar produtividade e lucro	E7	1
Harmonizar atividades entre homens e máquinas	E5	1
Senso crítico	E4	1
Elaboração de orçamento	E3	1
Envolvimento com cliente	E2	1
Inovação de projeto	E1	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Os relatos abaixo ilustram os principais aspectos indicados pelas engenheiras (E2), (PE1), (E5) e (E8) entrevistadas:

É o mesmo trabalho do engenheiro... muitas vezes há ocasiões, como ocorre na empresa que atuo, em que um cliente prefere falar comigo que sou mulher, por achar que nós mulheres somos mais pacientes entendermos melhor o que ele quer e até mesmo por ser menos agressivas... mais dóceis, para tratar determinados assuntos conflituosos. (E2)

O (a) engenheiro (a) civil bem preparado (a) pode trabalhar com obra, projeto ou até mesmo na administração de atividades relacionadas com a engenharia. Não depende do sexo, mas da capacidade de cada um. (PE1)

Na Engenharia de Produção, nós mulheres como também os homens lidamos com projetos e principalmente com o lado pessoal humano, pois um serviço de produção não é só máquinas quem executa, mas são pessoas que operam aquelas máquinas, e o trabalho da engenheira de Produção é traçar um parâmetro, ou melhor dizendo, uma harmonia entre Máquinas e Homens. (E5)

É meio árduo porque é em relação a todos os outros trabalhos que a mulher também está presente na engenharia ela ainda sofre preconceito por ser mulher a gente observa aqui na empresa mesmo há vários cargos de coordenação eles são ocupados por homens sendo que temos mulheres competentes que poderiam estar ocupando, na engenharia ainda tem muito preconceito, não que ela não tenha a mesma capacidade de fazer a mesma coisa que o homem. (E8)

Com relação a ser mulher na atual sociedade, as mais freqüentes respostas foram a conquista de espaço, os quatro papéis que elas têm que enfrentar ao mesmo tempo (mãe, esposa, dona-de-casa e profissional) e a sabedoria para a conquista de seu espaço, buscando-se a melhor maneira de consegui-lo. Chama-se atenção ao fato do graneio de respeito moral e profissional, diante da atual sociedade, apesar de ser citado por somente uma das entrevistadas. Como a engenheira PE1 disse, ser mulher nesta sociedade “*é poder fazer quase tudo que o homem faz*”, apesar de lhe serem “*atribuídas características diferenciadas dos homens*” (E4). Estes dados podem ser observados na Tabela 3.

Os relatos abaixo ilustram os principais pontos comentados pelas entrevistadas (E2), (E4), (E5) e (E7):

Falar que é: “Assumir até quatro papéis: de esposa, de mãe, dona de casa e profissional”, eu estaria sendo piegas... rs... Sinceramente eu acredito que não foram apenas nossas conquistas, nosso feminismo, nossa luta por “direitos iguais”, que nós levam a encarar as duplas, triplas jornadas de trabalho que hoje assumimos; ser mulher na sociedade atual é ter que ser muito mais sábia... mas não vou ser hipócrita ao ponto de não reconhecer que não é essa a realidade das nossas mulheres na sociedade brasileira, onde ser mulher é sobreviver... rs. (E2)

Acredito que atualmente, estamos vivendo a melhor época de ser mulher. Salvo exceções, somos respeitadas moral e profissionalmente. No meio profissional, a sociedade está aprendendo a confiar e valorizar o trabalho

feminino, já que possuímos características diferentes das dos homens... mulheres e homens são diferentes no modo de pensar agir. Então é melhor trabalharem lado a lado. E essa é a nova tendência. (E4)

Apenas no desenvolvimento de algumas profissões a sociedade atual ainda é preconceituosa, principalmente na área da Engenharia. A sociedade e principalmente alguns homens têm resistência em aceitar o trabalho feminino no nível estratégico. (E5)

As mulheres estão conseguindo conquistar seu espaço, mas a inserção no mercado de trabalho em geral ainda vem sendo muito complicada, mas nós mulheres estamos desempenhando um papel importante na sociedade apesar do preconceito. (E7)

Tabela 3 – Percepção das entrevistadas quanto a ser mulher na sociedade atual

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Conquista de espaços	E1, E3, E4, PE2, PE3, E7, E8, E9	8
Conciliação em assumir o papel de mãe, esposa, dona-de-casa e profissional	E1, E2, E3, E4, E7, E8	6
Sabedoria	E2, E3, E9	3
Conquista de independência	PE3, E9	2
Obtenção de responsabilidades	PE3, E8	2
Dificuldades aparecem na inserção ao mercado de trabalho agressivo	E7, E8	2
Enfrentar preconceitos	E5, E7	2
Capacidade de fazer mais que as obrigações domésticas	E4, E8	2
Realização de quase tudo que o homem faz	E2, PE1	2
Afirmação no meio econômico	PE3	1
Afirmação no relacionamento interpessoal	PE3	1
Ocupação de cargos e profissões tidas há algum tempo, como exclusivamente masculinas	PE3	1
Digna de respeito como pessoa, mulher, mãe, profissional e mente inteligente	E9	1
Cobranças mais acirradas	E8	1
Desempenhamos um papel muito importante	E7	1
Desfrutamos de mais liberdade na vida pessoal do que na vida profissional	E6	1
Ultrapassar a resistência masculina nas decisões de nível estratégico	E5	1
Caracterizações diferentes aos dos homens	E4	1
Obtenção de confiança e valorização do seu trabalho	E4	1
Contribuição com o pagamento das despesas da casa	E3	1
Consumação de bens	E2	1
Luta por direitos iguais	E2	1
Obtenção de conforto	E2	1
Várias jornadas de trabalho	E2	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Quando se trata do que é ser mulher e engenheira (Tabela 4), houve maior índice de respostas em ser uma superação de desafios e destaca-se ainda a demonstração de potencial a todo tempo. Dois itens da lista se igualam: a conciliação das tarefas domésticas, das de mãe, esposa e engenheira; e a obtenção de um papel de destaque. Ressalta-se cada vez mais a participação feminina nessa profissão, com grandes criações, realizações de projetos ousados, possivelmente poderá até inovar a engenharia.

Tabela 4 – Percepção das entrevistadas quanto a ser mulher e engenheira

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Superação de desafios	E3, E6, E7, E9	4
Demonstração do potencial	E1, E4, E7	3
Conciliação de tarefas domésticas com a de mãe, esposa e engenheira	PE1, E4	2
Obtenção de um papel de destaque	PE2, E5	2
Dedicação máxima do pouco tempo que possui a família, amigos e lazer	E1	1
Delicadeza e dedicação superior a dos homens	E1	1
Diferenças em relação aos homens	E4	1
Execução de grandes criações	E1	1
Falta de respeito ao direito da licença a maternidade	E8	1
Inovação da engenharia	E1	1
Lida com o desrespeito das pessoas	E8	1
Lida com pressões e complexidade	E9	1
Lida diariamente com graves preconceitos na profissão	E8	1
Mesma capacitação profissional masculina	E9	1
Ocupação de cargos tidos antigamente como masculino	E5	1
Pensamento analítico para todas as situações	E7	1
Realização de projetos ousados	E1	1
Relacionamento com diferentes formas de situação	E2	1
Rompe barreira e preconceitos	E6	1
Semelhante a qualquer mulher	PE3	1
Um pouco mais complicado	E8	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Alguns depoimentos são ilustrativos:

Ser mulher e engenheira é um desafio... A Constituição Federal assegura os mesmos direitos entre os sexos, mas nem sempre isso acontece na prática... quando há discriminação, geralmente, ocorre em empresas privadas, pois em cargos públicos ocupados por profissionais concursados não pode ocorrer à distinção de gênero. As engenheiras têm aproveitado essa oportunidade - a prova disso é o grande número dessas aprovadas em concurso público. (E3)

...Mas levando em consideração a mulher na engenharia, posso garantir que as mulheres são mais dedicadas e organizadas do que os homens, creio que nós como mulheres estamos trazendo para este mundo masculino nosso toque especial, quem sabe um dia até inovar a engenharia com projetos ousados ou grandes criações, feitas por mulheres. Há quem diga que mulheres não servem como engenheiras, por serem muito delicadas, mas posso garantir que servimos sim, sem deixar a delicadeza e dando o melhor do nosso potencial, mostrando que não estamos aqui por acaso. (E1)

Ser mulher e engenheira é superar desafios, mostrar que é boa no que faz, e ter um pensamento analítico em todas as situações. Em qualquer lugar que eu vou fico analisando qual a maneira de resolver mais rápido, pensamento bem de engenheira mesmo, fico tentando descobrir qual caminho é mais rápido para chegar em algum lugar, se posso cortar caminho é melhor do que dar voltas. (E7)

A Tabela 5 apresenta os motivos que levaram as entrevistadas a escolherem a profissão. Observa-se que a maior parte delas respondeu por gostar de ciências exatas, não havendo unanimidade nas demais respostas.

Tabela 5 - Percepção das entrevistadas quanto à escolha da profissão

Respostas	Entrevistadas	Total de entrevistadas
Gostar de ciências exatas	PE1, PE3, E3, E4, E6, E7, E9	7
Fiz curso técnico	PE3, E1	2
Ser objetiva	E1, E9	2
Amar desenhar	E1	1
Busquei e identifiquei aquilo do qual gosto	E8	1
Gostar de desafios e de ser ousada	E6	1
Influência do pai	E2	1
Não colocar limites de atuação profissional	E5	1
Poder criar projetos, acompanhar e executar na construção civil	E1	1
Por ser um curso amplo	E4	1
Sempre gostei	E2	1
Ser um agente difusor da sociedade	PE2	1
Ter embasamento acadêmico	PE2	1
Vejo como uma área de atuação apropriada para mim	E7	1
Visar o lado humano	E5	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Ressalte-se a fala da entrevistada E6.

Escolhi esta profissão porque sempre gostei de Matemática, justamente por sempre gostar de desafios, e por que a maioria das pessoas não gosta de

cálculos, isso fazia com que o meu querer de conquistar algo pelo qual a maioria não ousava a conquistar colocando restrições aumentasse. Sempre gostei de conquistas e todos falavam que a Engenharia e principalmente a Engenharia Civil, era uma profissão muito difícil e eu adoro desafios, sou perseverante, alguém pela qual possam dizer que quer ser ousada no que faz, mostrando que sou capaz de atingir objetivos almejados por todos, status, realização, metas e o melhor é que quero estar onde poucos se arriscam em ir. (E6)

As respostas alinhadas na Tabela 6 detalham a visão das engenheiras, em relação às diferenças entre o trabalho na engenharia nos dois gêneros (masculino e feminino), nota-se que metade delas acredita haver diferença e a outra metade desconsidera a existência dessa diferenciação no seu trabalho.

Tabela 6 – Percepção das entrevistadas quanto às diferenças entre o trabalho do engenheiro e da engenheira

Respostas	Entrevistadas	Total de entrevistadas
Sim	PE1, E1, E3, E5, E6, E8	6
A mulher é detalhista e o homem tem uma visão generalista	PE1, E5	2
Para serviços de grande porte empresas dão preferência aos homens	E1, E6	2
A engenheira é mais cuidadosa, dedicada e preocupada	PE2	1
A mulher tem mais jeito para conversar	E5	1
As mulheres são encaminhadas para trabalhar em escritórios	E6	1
Diferenciação em focar nos resultados	E5	1
Mulheres são desrespeitadas e enfrenta mais desafios	E8	1
Os chefes vêm as engenheiras com arquitetas	E6	1
Os homens não visam a relação humana quando mandam	E5	1
Os homens são mais aceitos na construção civil	E6	1
Salários reduzidos	E8	1
Toda empresa possui um homem à frente	E1	1
Não	PE2, PE3, E2, E4, E7, E9	6
A engenheira de produção não é muito braçal e desgastante como a mecânica e a civil	E9	1
Ambos possuem a mesma competência	E9	1
As diferenças são entre os bons e não tão bons profissionais	E2	1
Intelectualmente não há diferenças entre homens e mulheres.	E4	1
O trabalho é o mesmo	E7	1
Os dois conseguem executar o trabalho com perfeição	E9	1
Porém superiores comentam sobre o compromisso feminino de se destacar em relação ao masculino	PE2	1
Somos profissionais, não precisa ter distinção de sexo.	PE3	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Pode-se destacar a fala de E2 e E6 que chama a atenção para as diferenças entre o trabalho da engenheira e do engenheiro.

Como em qualquer profissão, as diferenças são entre os bons e não tão bons profissionais. (E2)

Sim, existem grandes e notáveis diferenças, pois os engenheiros (Homens) são mais bem aceitos em uma construção civil, as mulheres são encaminhadas mais para trabalhar em escritórios, e os homens sim colocam a mão na massa em canteiros de obras. Acho isso uma injustiça. Os chefes vêem as Engenheiras como Arquitetas. As Arquitetas ficam em escritórios, e quando é necessário ir a um canteiro de obras torcem o nariz, e o pior que elas estão acostumada a lidar com projetos e dinheiro, e nós com os projetos e com a coordenação de pessoas, operários, execução, é um tratamento muito diferenciado, quem conhece logo percebe a diferença dessas duas profissões, mas eles não acham Engenharia um campo para mulheres, por isso nos tratam como Arquitetas. Já ouvi uma vez a seguinte resposta: "Mas engenheira ou arquiteta dá na mesma as duas fazem o mesmo serviço" eu fico furiosa quando ouço isso. Esta visão na verdade a muito tempo deveria estar sendo derrubada, através de nossas conquistas e provas de competência. (E6)

Com referência às discriminações de sexo no interior da profissão e como são tratadas (Tabela 7), verificou-se que há resistência em inserir uma engenheira para exercer funções em canteiro de obras e em indústrias, alegando que funcionários e operários têm mais respeito por homens, além de considerarem o trabalho pesado nesses tipos de funções. Destaca-se também, a discriminação em termos salariais, sendo que em alguns casos homens ganham mais que mulheres no exercício de uma mesma atividade. Acredita-se que as engenheiras são frágeis, sensíveis e não possuem conhecimento.

Contraopondo a opinião das demais profissionais, a entrevistada PE1 diz não se sentir discriminada em seu ambiente de trabalho e PE3 afirmou que:

No meu caso nunca foi discriminada sempre foi "homem" no meu trabalho. Quando profissional é muito frágil na tomada de decisões e na manifestação de seus interesses e opiniões, ele, com certeza, será discriminado. (PE3)

A mulher vive na sociedade tal como o homem, ela participa da sociedade tal como o homem e é tratada como se fosse um ser inferior, isso pra mim é o fim, é o que tem que mudar. (E8)

Tabela 7 - Percepção das entrevistadas quanto à discriminação de sexo no interior da profissão e como são tratadas

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Sim	PE2, E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9	10
Existe resistência em colocar uma engenheira em canteiros de obra na engenharia civil.	PE2, E5, E6, E7, E9	4
Existem diferenças salariais, as mulheres ganham menos.	E1, E6	2
Tenho dificuldade em fazer os homens acatarem as ordens.	E5, E6	2
Busco me atualizar, mostrar competência, aprender. Pois a maior parte dos homens não aceita que estamos ultrapassando.	E6, E7, E8	2
Não	PE1, PE3	2
Não existe discriminação de sexo em seu trabalho	PE1, PE3	2
Operários não respeitam as engenheiras por acreditarem que obra civil não é lugar de mulher.	E2	1
A mulher tem que mostrar capacidade, pois está sendo sempre testada, homem nem sempre.	E3	1
As indústrias, principalmente, consideram o trabalho muito pesado para mulheres.	E4	1
Há um preconceito com relação ao convívio dentro da empresa com outros profissionais.	E5	1
Já me disseram que o que tenho de vida é o que têm de empresa.	E5	1
Minha meta é mostrar para eles que se fui contratada por essa empresa é porque sou capaz	E5	1
Por serem homens, questionam tudo para descobrirem um vacilo e dizer que engenharia não é lugar de mulher	E5	1
A mulher tem que impor respeito.	E7	1
Não é o fato de sermos mulheres que não daríamos conta da família e filhos.	E8	1
Os homens tentam fazer a mulher engenheira se sentir inferior	E8	1
Teve uma situação em que uma engenheira coordenadora saiu de licença a maternidade e quando voltou foi destituída do cargo.	E8	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Sobre a trajetória das mulheres dentro da engenharia, de maneira geral, as mulheres atuam mais na área de projetos. A percepção das entrevistadas refere-se a uma trajetória difícil, um espaço que é conquistado dia após dia, através de sua conduta, firmeza, seriedade, imposição de respeito e, principalmente, conhecimento e competência. Note-se a Tabela 8:

Tabela 8 - Percepção das entrevistadas quanto à trajetória da mulher dentro da engenharia

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
13 mulheres formadas em sua turma estão trabalhando nas diversas áreas dentro da profissão.	E4	1
A trajetória tem sido ascendente, a cada dia aumenta o número de mulheres na engenharia. Aos poucos se tem conseguido espaço nesse ramo.	E3	1
De maneira geral as mulheres atuam mais na área de projeto, pela resistência dos operários em aceitar mulheres em canteiro de obra.	PE1	1
Nas profissões com predominância masculina a mulher tem que se impor, ter postura, se dar ao respeito, responder com firmeza e seriedade.	E2	1
O mercado de trabalho da engenharia conta cada vez mais com a participação das mulheres em seu quadro.	PE2	1
São muito cobradas, criticadas, mesmo sem motivos, mas estão conquistando espaço e ainda têm muito a conquistar. É uma trajetória muito difícil.	E1	1
Segue os mesmos preceitos da evolução social da mulher no mundo.	PE3	1
A aceitação do trabalho da mulher engenheira está cada vez maior, pois hoje é mais estratégico, antes era braçal.	E5	1
Lutamos contra o preconceito, mas está muito longe dessa realidade mudar. Principalmente na construção civil.	E6	1
Está crescendo o número de mulheres que fazem engenharia.	E7, E9	2
As mulheres tem sido perseverantes, apesar de algumas desistirem de atuar na profissão.	E8	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Pode-se destacar a frase da entrevistada E5, que diz:

Aceitação das mulheres dentro da engenharia esta sendo maior, e a procura também, as mulheres têm visto que hoje o trabalho da engenharia é mais estratégico, e antes era mais braçal. (E5)

Por meio da Tabela 9, é de importância citar quais foram as opiniões sobre como as mulheres engenheiras se sentem inseridas dentro do contexto da engenharia. Nas entrevistas realizadas, obteve-se uma maioria das respostas favoráveis à realização profissional das engenheiras, o que nos comprova que “elas” se sentem bem, realizadas, satisfeitas, com objetivos de novas conquistas e, mesmo vindo que há certa desigualdade com relação ao salário entre homens e mulheres, isso não as

prejudica diretamente no exercício de sua profissão.

Tabela 9 – Percepção das entrevistadas quanto ao exercício de sua profissão

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Realizada	PE1, PE2, PE3, E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9	12
Sinto-me bastante realizada, adoro o que faço.	E5, E6, E8, E9	4
Não me sinto por completo realizada, creio que tenho muito ainda a conquistar	E1, E2	2
Não me vejo em outra profissão	E1, E2	2
Vejo diferenças salariais, mas nunca aconteceu comigo	E1	1
Estudei muito, fiz mestrado e doutorado e pretendo fazer um pós-doutorado daqui a 2 anos	PE3	1
O maior salário é o meu devido tempo de experiência	E2	1
Requer muita responsabilidade	E3	1
Satisfeita com o papel dentro da sociedade	PE2	1
Sinto que os funcionários sempre recorrem a mim para ouvir minha opinião e pedir ajuda	PE3	1
Tenho realizado um sonho	E1	1
Tenho um cargo de confiança na empresa	PE3	1
Estou iniciando uma carreira profissional agora mas sinto que já é satisfatória.	E5	1
Gostaria que dessem mais oportunidade para nós mulheres mostrarmos do que somos capazes.	E6	1
Me sinto realizada, mas não completamente. Pois ainda não estou trabalhando em coordenação de obra.	E7	1
Fui convidada para trabalhar no interior com coordenação de obra.	E7	1
Sempre meus clientes me recomendam, acho que isso é um reconhecimento.	E8	1
Tudo que tenho vem do meu trabalho. Se estou trabalhando, conseguindo ter minhas coisas, me progredir, é por causa disso, eu gosto.	E8	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Neste ponto, podem-se destacar as frases das entrevistadas E2 e PE3:

Sinto-me realizada profissionalmente só não estou satisfeita financeiramente. Nunca pedi aumento, as diferenças de salário por gênero existem, mas comigo nunca aconteceu. Dentre os engenheiros do setor onde trabalho o salário maior é o meu, pelo tempo de experiência, e os outros engenheiros são recém formado, porém todos os projetistas (homens) recebem um salário maior do que o meu. (E2)

Sinto-me realizada profissionalmente. Estudei muito, fiz mestrado e doutorado e pretendo fazer um pós-graduação daqui a 2 anos. Tenho cargo de confiança na empresa, sinto que os funcionários ou, até mesmo, os meus colegas de trabalho, quando acontece algum problema, vêm a mim, para ouvir minha opinião, e até mesmo, pedir a minha interferência e ajuda. (PE3)

Foi sublinhado também como as engenheiras conseguem controlar o seu tempo na relação trabalho-família, assim como pode-se ver na Tabela 10. Com relação às dificuldades enfrentadas devido ao pouco tempo disponível, a metade das entrevistadas apontou ter problemas nesta área e a questão de “ter filho” ou “ser mãe” foi enfatizada neste sentido.

Tabela 10 – Percepção das entrevistadas na relação trabalho – família

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Com dificuldades	E1, E2, PE1, PE2	4
Tenho tido problemas nesta área	PE1, PE2, E1	3
Às vezes sinto que deveria ficar mais tempo em casa com meus filhos e familiares	PE2, E1	2
Fico triste, mas eles têm que entender minha falta de tempo (Família, Amigos)	E1	1
Todo mundo tem problemas, um maior do que o outro	E2	1
Sem dificuldades	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, PE3	10
Relação trabalho/ Família é tranqüila	E7, E8, PE3	3
Meu companheiro me entende, pois exercemos a mesma profissão	E5, E6	2
Procuo aproveitar ao máximo os momentos que temos juntos	PE2, E1	2
Vale mais a qualidade do que a quantidade. (Aproveitar o tempo)	E2, E9	2
Mulher tem que ser independente, formada.	E1, E2	2
Meu filho cresceu conhecendo o meu trabalho	PE3	1
É cansativo mentalmente mas é gostoso	E2	1
A mulher tem que conciliar e ajudar seu parceiro	E2	1
Tem que respeitar o papel de cada um em casa (Homem-Mulher)	E2	1
O trabalho para mim é bom, para resolver os problemas pessoais, traz satisfação	E2	1
Não depende da profissão, mas da vontade/ dedicação de cada profissional à família	E3	1
Trabalho e família pra mim não é problema	E4	1
Não tem filhos	E1, E4	2
Sei que será difícil ainda mais nesta profissão, mas quando tiver filhos vou me dedicar	E1, E4	2

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Observem-se os trechos das entrevistas que se seguem e que tratam das contradições vivenciadas pelas mulheres em suas experiências individuais:

Muitas vezes sinto que deveria ficar mais tempo em casa com meus filhos e familiares, assim sendo procuro aproveitar o máximo os momentos que temos juntos, num pensamento de engenheira vale mais a qualidade do que a quantidade. (PE2)

A relação trabalho - família é muito tranqüila. Meu filho já está com 16 anos e foi criado conhecendo o meu trabalho, desde que nasceu. Tenho fotos dele em cima de uma moto (...) com 2 anos. (PE3)

Sou solteira, meu noivo é Engenheiro de Produção também, uma coisa que sempre falo é que todas as engenheiras acabam casando com engenheiros, isso é notável, creio que é por ser uma profissão que exige muito da pessoa, e mesmo que sem querer acaba que se esquece ou deixamos de lado a família, os amigos e vivemos primeiro só para faculdade e depois só para a profissão, por isso creio que encontramos lá mesmo no meio que nós escolhemos viver, o nosso futuro marido, para não precisar ficar para titia, e ali encontramos alguém que conhece o nosso mundo e saberá nos entender. (E5)

Foi também perguntado sobre que conselhos as entrevistadas dariam às profissionais que estiverem abraçando a profissão da engenharia e entrando neste mercado. Nas respostas sistematizadas na Tabela 11 pode-se perceber um cuidado quanto ao compartilhar conhecimento e experiência já adquiridos por essas profissionais para estarem dando conselhos às futuras engenheiras.

Tabela 11 - Conselho das entrevistadas para as futuras engenheiras

Respostas	Entrevistadas	Total de Entrevistadas
Se você pensa em ser engenheira, seja boa no que faz	PE1, E1, E2, E3	4
Enfrente as dificuldades e não desista do seu sonho	E5, E6, E8	3
Independente da profissão, escolha uma função que lhe dê realização profissional	PE2, E3	2
Tem que ter habilidade para lidarmos com pessoas	E2	1
Tem de estar preparada, se conhecer, saber aonde quer chegar	E2	1
A prática você vai adquirir com o tempo na profissão	PE1	1
Não se sinta menos competente que os homens, acredite em sua força	E9	1
Só entre nesta profissão se você realmente gostar	E7	1
Têm de estar preparada para abdicar de muitas coisas	E1	1
Entrei na faculdade com 17 anos, o conselho é pensar bem	E2	1
Cada projeto novo é uma grande realização e uma nova experiência/ desafio	E1	1
Não queira começar a fazer estágio muito cedo, pois ele pode prejudicar seu curso	PE1	1
Faça Engenharia porque é uma área com futuro promissor	E4	1

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: O total de respostas excede 12 entrevistadas, tendo em vista ter sido possível dar mais de uma resposta a cada pergunta.

Destacam-se ainda os seguintes comentários:

Entrei na faculdade com 17 anos, o conselho é pensar bem. É muito gostoso chegar à minha casa e pensar como seria se tivesse escolhido outra profissão e perceber que não tem como, fiz a escolha certa. A pessoa tem que estar preparada, se conhecer, saber aonde quer chegar. Temos que ser bons profissionais tecnicamente e termos habilidades para lidarmos com as pessoas. Pensar bem nas coisas a enfrentar, como reagir. (E2)

Jamais se citam menos competentes que os homens, pois barreiras existem em qualquer profissão, o que nos derruba não é os outros e sim nossa incapacidade de acreditar na força que temos.

Considerações Finais

Tendo sido objetivo dessa pesquisa descrever e analisar como as mulheres engenheiras percebem a sua inserção, permanência e ascensão no mercado de trabalho, constatou-se que elas buscam, através do labor, a independência financeira, o reconhecimento e a realização, contribuindo com o crescimento e o desenvolvimento da sociedade, conquistando cada vez mais espaço face ao trabalho masculino.

Percebeu-se distinção entre o trabalho do engenheiro e da engenheira, tanto pela mulher ser mais delicada e detalhista, como pela preferência das empresas por homens para a execução de atividade de grande porte, apesar do conhecimento e da competência de ambos serem consideradas semelhantes.

Verificou-se a existência de discriminação de gênero no interior da profissão. Destacam-se a diferença salarial em cargos de mesmo nível e o desrespeito por parte dos operários em relação às engenheiras, principalmente as mais novas. Contudo, elas conseguem impor respeito e ganhar autonomia ao demonstrar seriedade e alta capacidade profissional.

Apesar da engenharia ser considerada por muitos uma área de predominância masculina, a trajetória das mulheres nessa profissão vem ascendendo cada vez mais. A maior parte delas se sente realizada e satisfeita no exercício de sua profissão, apesar de haver problemas na relação entre o trabalho e família tendo, às vezes, que assumir quatro papéis ao mesmo tempo: o de mãe, esposa, dona-de-casa e profissional.

Sendo assim, a importância dessa pesquisa foi reconhecer a participação da mulher no mercado de trabalho, principalmente naquelas áreas que ainda se constituem em "guetos" masculinos, como é o caso da engenharia no Brasil, pois qualquer pessoa pode ser competente para o exercício de qualquer profissão, independentemente do sexo e das relações historicamente construídas, porém atualmente questionadas. Dessa forma, não se trata de "levantar bandeiras" ou "defender causas", mas apontar a característica arenosa desse terreno profissional em processo de mudança.

Referências

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRUSCHINI, M. C. A. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. São Paulo, abril, 2007. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/seminario/BRUSCHINI.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2007.
- BRUSCHINI C., LOMBARDI M R, Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas. **Mulher e trabalho**. Porto Alegre: FEE, 2002. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_revistas_mulheretrabalho_2002.php>. Acesso em: 15 set. 2007.
- CARVALHO, M. G. Gênero e Tecnologia: estudantes de engenharia e o mercado de trabalho. In: Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: comparações Brasil - França, 2007, São Paulo e Rio de Janeiro. **Anais do Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: comparações Brasil - França**. São Paulo: FCC, 2007. v. 1. p. 1-12. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=genero+e+tecnologia+%3A+estudantes+de+engenharia+e+o+mercado+de+trabalho&hl=pt-BR&lr=&btnG=Pesquisar&lr=lang_pt>. Acesso em: 26 out. 2007.
- CREA-MG - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Minas Gerais – CREA-MG. **Homenagem às mulheres 2007**. Disponível em: <<http://www.crea-mg.com.br/interna.aspx?id=2706>>. Acesso em: 08 set. 2007.
- FILHO, R. M. Reflexões sobre o homem e o trabalho. **Revista de Administração de Empresa** - RAE, São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, v. 34, n. 2, p. 18-32, mar./abr. 1994.
- GALEAZZI, I. M. S. Mulheres trabalhadoras: a chefia da família e os condicionadores de gênero. **Mulher e trabalho**. Porto Alegre: FEE, v.4, n.7, p. 62 – 68, 2001. Disponível em: <<http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:u8cP-HePtNIJ:www.fee.tche.br/sitefee/download/mulher/2001/artigo4.pdf+galeazzi,+irene>>. Acesso em: 15 set. 2007.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- MELO, M. C. O. L. et al. A percepção de gerentes homens e mulheres sobre suas práticas de gestão: um estudo em empresas de telecomunicações e informática de Belo Horizonte. In: Colóquio internacional do poder local, 10, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2006. CD-ROM.
- MELO, M. C. O. L. et al. Em busca de técnicas complementares em pesquisa qualitativa no campo da Administração. In: GARCIA, F. C.; HONÓRIO, L. C. (orgs.). **Administração, Metodologia, Organizações, Estratégia**. Curitiba: Juruá, 2007.
- LOMBARDI, M. R. Mulheres engenheiras no mercado de trabalho brasileiro: qual seu lugar? **Mulher e Trabalho**. Porto Alegre: FEE, v. 4, p. 45 – 60, 2004. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/mulher/2004/artigo3.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2007.
- LOMBARDI, M. R. Engenheira & Gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica. **Tecnologia e Sociedade**. v.3, p. 63 – 86, 2006.
- VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.